

A AGRICULTURA FAMILIAR SOB A ÓTICA ANALÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO EMPÍRICA A PARTIR DO ASSENTAMENTO RENASCER – CANGUÇU/RS

HENRIQUE MÜLLER PRIEBERNOW¹;
GIANCARLA SALAMONI²

¹Bolsista CAPES - Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – henriquempo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gi.salamoni@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Para entender a agricultura familiar é imprescindível o reconhecimento de que “[...] o agricultor familiar abarca uma diversidade de formas de fazer agricultura que se diferencia segundo tipos diferentes de famílias, o contexto social, a interação com os diferentes ecossistemas, sua origem histórica, entre outras” (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008, p. 36).

Esta perspectiva salienta o caráter heterogêneo da agricultura familiar, levando em conta os diferentes contextos geográficos e históricos em que ela é praticada. Uma análise unívoca sobre a questão subsumiria toda a sua dinamicidade e deixaria de lado a multiplicidade de atores e práticas sociais inherentemente a sua existência no rural brasileiro.

No bojo das discussões em torno da categoria de agricultura familiar, merece amplo destaque as alusões relativas à família no contexto das unidades produtivas. Pois,

[...] é no fato de encontrarmos uma família que responde tanto pela organização técnica da produção quanto pela execução das atividades e, sobretudo, pelo destino a ser dado pelos resultados, que reside a especificidade da exploração familiar, seja ela agrícola ou não (CARNEIRO, 2008, p. 257).

No interior das unidades familiares de produção observa-se que as estratégias tomadas no tocante ao trabalho agrícola, à produção empreendida e ao destino desta produção são direcionadas pelo próprio grupo familiar. É exatamente nesse sentido que “[...] a unidade familiar de produção, por ser sustentada pela íntima relação entre trabalho e parentesco, apresenta maior margem de negociação interna na elaboração de caminhos alternativos de reprodução social” (CARNEIRO, 2008, p. 259).

Na busca pela reprodução social das famílias, as quais são garantidas, em parte, pela produção voltada ao autoconsumo, é comum recorrer a outros caminhos que excedam os limites da própria unidade. Mesmo diante deste dilema, vale frisar que o “[...] caráter familiar se expressa nas práticas sociais que implicam uma associação entre patrimônio, trabalho e consumo, no interior da família, e que orientam uma lógica de funcionamento específica” (WANDERLEY, 2003, p. 45).

É justamente por isso que a agricultura familiar apresenta um caráter singular diante de outras formas de agricultura. A família garante a integridade do patrimônio da terra, cultivando o mesmo com a própria mão de obra do grupo doméstico que, por sua vez, permite que a unidade se mantenha coesa, garantindo, assim, a sobrevivência biológica e a reprodução socioeconômica do grupo familiar.

As estratégias das famílias rurais com o intuito de asseverar a manutenção da unidade de produção familiar são várias. Elas mesclam-se entre diferentes formas de trabalho, seja ele realizado na própria unidade ou fora dela, o que sinaliza para a importância da pluriatividade, enquanto modo de garantir a permanência das famílias no meio rural. E, é claro, perpassando, por isso tudo, as decisões relativas à herança do patrimônio fundiário, as questões referentes aos casamentos e no que isso implica para o futuro da unidade familiar, etc.

Neste sentido, com o avanço da chamada globalização econômica, é cada vez mais comum que os agricultores familiares tendam a se organizar de modo a atender as exigências impostas por esta lógica que se faz hegemônica. O fato de buscarem meios ou estratégias de inserção na economia de mercado não é disfuncional à sua situação de agricultor familiar, dado este que se expressa na centralidade que o trabalho continua a possuir dentro das unidades produtivas.

Em termos mais amplos,

Mesmo integrada ao mercado e respondendo às suas exigências, o fato de permanecer familiar não é anódino e tem como consequência o reconhecimento de que a lógica familiar, cuja origem está na tradição camponesa, não é abolida; ao contrário, ela permanece inspirando e orientando – em proporções e sob formas distintas, naturalmente – as novas decisões que o agricultor deve tomar nos novos contextos a que está submetido (WANDERLEY, 2003, p. 48).

Sendo assim, à luz do enfoque analítico da categoria relativa à agricultura familiar, o presente trabalho tem como objetivo propor uma reflexão de cunho teórico acerca desta abordagem, tendo como campo empírico o Assentamento Renascer, localizado no município de Canguçu/RS. Salienta-se, portanto, que o referido assentamento é o contexto aonde vem sendo desenvolvida a pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPel.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada para a construção deste trabalho encontra-se apoiada em uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre as temáticas discutidas em seu corpus textual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Assentamento Renascer está situado na localidade do Pantanoso, 2º distrito do município de Canguçu. De acordo com a EMATER (s.d, p. 6) “a maioria das famílias é proveniente do Planalto, Noroeste, Alto Uruguai e Depressão Central do Rio Grande do Sul, algumas também são oriundas da Região Metropolitana”. O que evidencia que o lugar de origem dos sujeitos que hoje moram e trabalham no Assentamento Renascer não são as Serras de Sudeste, onde o município de Canguçu está inserido.

O número de pessoas que compõe o assentamento é de 90, dos quais “[...] 80 são homens e apenas 10 são mulheres [...]” (EMATER, s.d, p. 6). Percebe-se, deste modo, a predominância da figura masculina na composição inicial quando do surgimento do assentamento, levantando a reflexão de como o papel da mulher camponesa na luta pela terra precisa, ainda, ser reconhecido e valorizado.

Segundo EMATER (s.d, p. 8), “a chegada e ocupação do P.A. Renascer deu-se a partir do mês de dezembro de 1999 estendendo-se até o mês de maio de 2000”. Deixando claro, desta forma, que o referido assentamento possui mais

de uma década de existência e resistência, o que dá margem para afirmar que o seu protagonismo pode servir de exemplo para as demais organizações de camponesas e camponeses, em torno da questão da conquista da terra.

Ainda sobre a organização do assentamento, pode-se dizer que "os agricultores assentados estão organizados em 14 grupos, os quais podem ser grupos de crédito e/ou produção, estes possuem coordenadores e representantes legais" (EMATER, s.d, p. 9). Evidenciando, outra vez, a proficuidade da organização em prol de objetivos que dizem respeito ao coletivo.

Com o objetivo de cumprir o direito da educação formal das crianças e dos jovens do Assentamento Renascer, o mesmo conta com,

[...] uma escola de ensino fundamental na sede do P.A., no entanto esta dispõe de infraestrutura deficiente para ao atendimento das necessidades dos alunos. As principais dificuldades relacionam-se ao espaço físico, falta de água, deficiente energia elétrica, além das distâncias percorridas diariamente pelos alunos. Outro problema é o deslocamento da equipe de professores e serviços que percorrem aproximadamente uma distância de 60km diariamente (EMATER, s.d, p. 10).

Outra questão a ser levantada na discussão aqui proposta gira em torno dos sistemas de produção e das matrizes produtivas utilizadas pelas famílias assentadas. Desta forma,

As produções são de pequenas áreas de milho que variam de 4 a 8 ha por família, de forma convencional. Predomina o uso de tração animal e manual, o uso de mecanização é eventual e feito somente em algumas áreas através dos serviços de lavração e gradagem complementados com força manual e animal (EMATER, s.d, p. 11).

Isto deixa claro que a terra no assentamento foi dividida de modo a oportunizar a todas as famílias assentadas a possibilidade de cultivá-la e, a partir dela, produzir as condições necessárias para a sua sobrevivência e reprodução. Assim sendo, vale dizer que "as linhas de produção desenvolvidas no assentamento estão basicamente relacionadas a produção de subsistência e ao autoconsumo, portanto, somente os excedentes são comercializados entrando no jogo do mercado e do capital" (EMATER, s.d, p. 11).

Ademais, cabe ressaltar que, no Assentamento Renascer, há a "[...] predominância da utilização da mão de obra individual e familiar e eventual uso do sistema de mutirão para as atividades mais exigentes como colheitas" (EMATER, s.d, p. 11). Realçando, assim, a importância do trabalho coletivo no âmbito dos assentamentos de reforma agrária.

4. CONCLUSÕES

No que tange que à noção da agricultura familiar sob a ótica analítica observa-se, portanto, que ela fornece o entendimento de que é possível, mesmo com as perversidades impostas pelo grande capital, fazer resistir o trabalho familiar como constituinte de uma função social específica no interior da sociedade moderna. Por sua vez, o potencial que a agricultura familiar possui, mesmo em uma conjuntura de incertezas, é o de garantir a permanência de milhares de famílias no campo brasileiro e isso ela inegavelmente faz.

Por esta razão, não é possível falar em uma forma de agricultura familiar, mas, da diversidade que caracteriza o agricultor familiar. As formas de praticar esta atividade são inúmeras e contrastam, em diferentes tempos e espaços, as múltiplas estratégias adotadas por aqueles que executam a mesma. Logo, a família, na perspectiva aqui adotada, precisa ser vista como constituinte de uma unidade social que, embora nem sempre coesa, existe e possui legitimidade própria.

Na caracterização do contexto empírico da pesquisa, pôde-se visualizar que organização interna é parte premente do contexto dos agricultores assentados, o que fica evidente quando se constata a presença de 14 grupos de crédito e produção. O Assentamento Renascer conta com uma escola de Ensino Fundamental, situada em sua própria sede e, embora a instituição enfrente grandes dificuldades no tocante à infraestrutura, ela representa uma importante iniciativa na constituição da educação formal das crianças e jovens assentados.

Outro ponto a ser ressaltado diz respeito à questão produtiva, constando que esta é realizada em propriedades que não ultrapassam os 8 hectares, ganhando destaque o cultivo de diversas culturas. Neste sentido, a produção realizada no Assentamento Renascer visa atender as necessidades das próprias famílias assentadas, isto é, a produção volta-se para o autoconsumo, sendo, portanto, eventual o escoamento da produção para fora do referido assentamento. Reforçando, assim, a utilização da mão de obra familiar e a prevalência da organização coletiva no contexto das atividades produtivas internas ao assentamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, M. J. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, L. F. de C.; FLEXOR, G.; SANTOS, R. (Orgs.) **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 255-269.

EMATER. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do P.A. Renascer Canguçu-RS**. Canguçu-RS, s.d.

SCHNEIDER, S.; NIEDERLE, P. A. Agricultura familiar e teoria social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura. In: FALEIRO, F.G. e FARIA NETO, A.L. (ed.) **SAVANAS: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais**. Planaltina-DF: Embrapa Cerrados, 2008. p. 989-1014.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, n. 21, p. 42-61, 2003.